Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1010
ESTUDOS BÍBLICOS

Um dos mais belos textos da Bíblia, do ponto de vista literário e bíblico-teológico (Ezequiel 37,1-14)

One of the most beautiful texts in the Bible, from the literary and biblical-theological point of view (Ezekiel 37,1-14)

João Luiz Correia Júnior* e Fabiana Câmara Furtado**

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.
joao.correia@unicap.br

** Mestra em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (2003). Doutoranda em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Professora da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.
fabiana.furtado@unicap.br

Recebido em: 28/05/2024
Aprovado em: 05/10/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Ezequiel exerceu o seu ministério em um dos mais trágicos contextos da história de Israel: viu desaparecer o reino de Judá sob o domínio do Império babilônico e foi deportado para a capital Babilônica com as elites de Jerusalém. Nesse cenário desesperador, foi chamado a profetizar. A narrativa da visão do vale repleto de ossos ressequidos expressa o desafio da missão. Este artigo tem como objetivo analisar Ez 37,1-14 do ponto de vista literário, buscando abstrair a mensagem teológica. A metodologia utiliza recursos da análise literária do texto, para levantar aspectos históricos e alguns aportes teológicos relevantes. Autores da área dos estudos bíblico-teológicos como José Tolentino de Mendonça, em sua obra "Leitura Infinita. A Bíblia e sua Interpretação", do campo epistemológico da Literatura, como Salvatore D'onofrio, e especificamente da exegese bíblica, como Alonso Schokel e Sicre Diaz, foram pesquisados e serviram como referencial teórico. Os resultados apontam para três aspectos relevantes: 1) a urgência de uma "ecologia integral" em que a dignidade de cada pessoa se expressa em sua responsabilidade com a restauração e promoção da vida numa dimensão holística; 2) A revelação de YHWH não só como o Deus de Israel, mas também como o Deus da Vida no aqui e agora do tempo que se chama "hoje"; 3) a interpelação para que cultivemos em nossa espiritualidade uma experiência mística não alienada. Enfim, o texto estudado e o livro de Ezequiel é, portanto, muito relevante para os estudos bíblicos no contexto atual de tantas guerras, cataclismos e desesperança generalizadas.

Palavras-chave: Bíblia, profetismo, literatura, teologia; história.

Abstract

Ezekiel carried out his ministry in one of the most tragic contexts in the history of Israel: he saw the kingdom of Judah disappear under the rule of the Babylonian Empire and was deported to the Babylonian capital with the elites of Jerusalem. In this desperate scenario, he was called to prophesy. The narrative of the vision of the valley full of dried up bones expresses the challenge of the mission. This article aims to analyze Ez 37:1-14 from a literary

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

point of view, seeking to abstract the theological message. The methodology uses resources from the literary analysis of the text, to raise historical aspects and some relevant theological contributions. Authors in the area of biblical-theological studies such as José Tolentino de Mendonça, in his work "Leitura Infinita. The Bible and its Interpretation", from the epistemological field of Literature, such as Salvatore D'onofrio, and specifically from biblical exegesis, such as Alonso Schokel and Sicre Diaz, were researched and served as theoretical references. The results point to three relevant aspects: 1) the urgency of an "integral ecology" in which the dignity of each person is expressed in their responsibility for the restoration and promotion of life in a holistic dimension; 2) The revelation of YHWH not only as the God of Israel, but also as the God of Life in the here and now of the time called "today"; 3) the challenge for us to cultivate a non-alienated mystical experience in our spirituality. Ultimately, the text studied and the book of Ezekiel is, therefore, very relevant for biblical studies in the current context of so many wars, cataclysms and widespread hopelessness.

Keywords: Bible; prophetism; Literature; Theology; History.

1 Introdução

As páginas da Bíblia presenteiam às pessoas apaixonadas por literatura excelentes textos que levam à contemplação da beleza por meio dessa expressão artística. O especialista em Estudos Bíblicos, Cardeal José Tolentino Mendonça, lembra que Santo Agostinho, no seu *De Doctrina Christiana*, já escrevera sobre a excelência literária da Palavra de Deus: quem folhear a Bíblia "encontrará muitos gêneros de locução de grande beleza" (Agostinho *apud* Mendonça, 2015, p. 41-42). Na atualidade, conclui o autor, afirmando que:

> No grande esforço de mudança metodológica que se verifica atualmente nas ciências bíblicas, tem-se manifestado o intenso interesse de autores que provêm do âmbito dos estudos literários e o seu entusiasmo pela altíssima qualidade da narração bíblica. Sem dúvida que a consolidação de uma mudança metodológica resulta do trabalho dos exegetas, um trabalho que, por vezes, é alvo de ironias e incompreensões, e que, claro está, não é, ele próprio, isento de erros, mas que, feitas as contas, gerou progressos irrecusáveis na nossa compreensão da Bíblia. Porém, o recente contributo desse inesperado fator, que é o olhar a partir da literatura, abriu, estimulou, inscreveu como possível e fecunda outra leitura da Bíblia (Mendonça, 2015, p. 43).

Para uma degustação da beleza literária da Bíblia tomemos, como singelo exemplo, a perícope (trecho do texto, com sentido completo) de Ez 37,1-14:

> 1 A mão de lahweh veio sobre mim e me conduziu para fora pelo espírito de lahweh e me pousou no meio de um vale que estava cheio de ossos.
> 2 E aí fez com que me movesse em torno deles de todos os lados. Os ossos eram abundantes na superfície do vale e estavam completamente secos.
> 3 Ele me disse: "Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?"
> Ao que respondi: "Senhor lahweh, tu o sabes".
> 4 Então me disse: "Profetiza a respeito destes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra de lahweh.
> 5 Assim fala o Senhor lahweh a estes ossos: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis.
> 6 Cobrir-vos-ei de tendões, farei com que sejais cobertos de carne e vos revestirei de pele. Porei em vós o meu espírito e vivereis. Então sabereis que eu sou lahweh".

> 7 Profetizei, de acordo com a ordem que recebi. Enquanto eu profetizava, houve um ruído e depois um tremor e os ossos se aproximaram uns dos outros.
> 8 Vi então que estavam cobertos de tendões, estavam cobertos de carne e revestidos de pele por cima, mas não havia espírito neles.
> 9 Então me disse: "Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Iahweh: Espírito, vem dos quatro ventos e sopra sobre estes mortos para que vivam".
> 10 Profetizei de acordo com o que ele me ordenou, o espírito penetrou-os e eles viveram, firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército.
> 11 Então ele me disse: Filho do homem, estes ossos representam toda a casa de Israel, que está a dizer: "Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado".
> 12 Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor lahweh: Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel.
> 13 Então sabereis que eu sou lahweh, quando eu abrir os vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo.
> 14 Porei o meu espírito dentro de vós e haveis de reviver: eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, lahweh, falei e hei de fazer, oráculo de lahweh (Bíblia de Jerusalém, 2022[1]).

Essa perícope está inserida na terceira parte do livro, que apresenta uma estrutura tripartida após o longo relato da vocação (capítulos 1,1–3,15): primeira parte, oráculos de condenação contra o próprio povo, Judá (capítulos 4–24); segunda parte, oráculos contra as nações estrangeiras (capítulos 25–32); e, terceira parte, oráculos de salvação (capítulos 33–48). Naturalmente, pode-se indicar algumas exceções a essa estrutura, mas as perícopes também têm sentido no seu lugar atual (Alonso Schokel; Sicre Díaz, 2002, p. 698-699).

Tal como o profeta histórico, o livro de Ezequiel apresenta oráculos que refletem o estado atual do povo em contextos históricos difíceis. Interpelado pela história do tempo que se chama "hoje", vai sendo elaborada a mensagem por meio de uma literatura marcada por ações simbólicas, parábolas, imagens, visões e exposições mais teóricas.

O livro revela alguns poucos dados sobre a vida do profeta: filho do sacerdote Buzi (Ez 1,3), ele próprio foi sacerdote conforme o indicam a sua linguagem, o seu conhecimento da legislação sagrada e o seu interesse pelo Templo. Ao ser exilado na Babilônica, ele não pôde exercer o seu ministério. Sabe-se que era casado (não se têm notícias de que tivesse filhos) e que ficou viúvo pouco tempo antes da queda de Jerusalém. Apesar da escassez de dados biográficos, o texto apresenta abundantes informações sobre a personalidade do profeta: tem frequentes visões (1,1–3,15; 3,1-16a.22ss; 8–11; 37,1-14; 40-48), nas quais é interpelado a atuar como profeta. Realiza ações simbólicas e mímicas, tais como bater palmas (6,11; 21,9) e dançar com frequência (6,11). É propenso ao desânimo. Esteve doente inúmeras vezes (a visão de 3,22ss manifesta-lhe que o lugar de sua atividade será o leito do enfermo): sofre hemiplegia do lado direito, e a ela seguem-se 40 dias de anestesia do lado esquerdo; a morte da esposa produz-lhe a perda da fala totalmente durante sete dias. Embora não possamos interpretar esses dados literalmente, o que parece certo é que Ezequiel possuía fina e aguçada sensibilidade aos problemas que enfrentava pessoalmente e no seu entorno (Alonso Shokel; Sicre Díaz, 2002, p. 690-691).

Esses aspectos remetem à questão fundamental do livro, que é sobre a missão de resgatar e promover a vida em meio ao contexto de morte. Como tratar desse tema tão duro e desafiador sem lançar mão da delicadeza literária? A questão atravessa a célebre

[1] Ao longo deste artigo, será utilizada a Bíblia de Jerusalém (2002), nova edição, revista e ampliada.

visão dos ossos secos (Ez 37,1-14), permeada pelo questionamento inicial do Deus da Vida: "Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?" O texto, objeto deste estudo, revela não só um profeta porta-voz da palavra de Deus, mas um místico que, por meio de visões interpretadas segundo inspiração divina, sente-se interpelado a agir profeticamente num contexto histórico desafiador à própria eficácia a ação profética.

Para compreender esse contexto desafiador de luta inglória pela vida em meio às crescentes ameaças da morte, devemos ter presente a situação dos israelitas exilados na Babilônia. Segundo J. Asurmendi (1992, p. 293), tais pessoas estavam numa situação de não-vida; não tinham a possibilidade de participar do culto (não havia templo), e a comunidade estava dispersa, longe do país. A comunicação com a fonte das tradições culturais estava bloqueada. O sentimento está expresso claramente em Ez 33,10: "As nossas transgressões e os nossos pecados pesam sobre nós. Por eles estamos perecendo. Como poderemos viver?". Esse desespero pode ser lido no Sl 137: "À beira dos canais de Babilônia nos sentamos, e choramos, com saudades de Sião [...]. Como poderíamos cantar um canto de YHWH numa terra estrangeira?".

A resposta de Ezequiel é cheia de esperança: uma vez expiados os pecados, a vida é possível; terminado o castigo, tudo pode recomeçar. Cada um será responsável por si mesmo. Essa certeza tem fundamento, porque o Deus de Israel não quer a morte do ímpio (o afastamento dele, do culto, da fonte da vida), mas que ele viva (33,11; 18,23.31). Toda a segunda parte de seu ministério é consagrada a essa mensagem: o povo pode reviver (Ez 37). Ele será purificado e retornará ao seu país (Ez 36;37). O Senhor habitará no meio deles e será acessível a eles em seu santuário (37,26;40-48). Uma fonte de água, saindo do templo, tornará fértil e próspero todo o país (47,1-12). Não se trata da vida e da morte físicas. Mas, de uma vida para o indivíduo no seio de uma comunidade, no país que o Senhor deu, em torno do santuário, fonte de vida, agora acessível. A Aliança será então realidade, conforme Ez 36,28; 37,23.27: o Senhor será o Deus de Israel e Israel será o povo do Senhor (Asurmendi, 1992, p. 293).

Trata-se, portanto, de recuperar a esperança da sociedade justa, em que todos possam viver com dignidade e abundância, no aqui e agora da história, mantendo compromisso com a preservação da vida, em sintonia com a mãe terra e o Deus da Vida. Nessa perspectiva, analisaremos alguns aspectos que revelam a beleza literária de Ez 37,1-14 para, em seguida, tecermos comentários sobre a mensagem de fé que emana dessa narrativa mística.

2 A beleza literária e a mensagem de fé que emana de Ez 37,1-14

A construção narrativa é tão realista quanto surreal, denotando uma experiência mística:

> *Introdução (37,1-2)*
> Uma narrativa de experiência mística num determinado contexto desafiador: o profeta é levado pela mão de YHWH para dentro de um vale repleto de ossos ressequidos

O desafio profético (37,3-10)
Com uma pergunta inusitada, YHWH ordena ao profeta que profetize sobre os ossos ressequidos e ele obedece, vendo seu oráculo realizar-se diante dos seus olhos.

O simbolismo da narrativa (37,11-13)
YHWH dá uma conotação de parábola ao que foi narrado, afirmando que os ossos ressequidos, agora restaurados em corpos soerguidos sobre seus pés como um imenso exército, representa todo o povo de Israel reconduzido à sua terra, após a ação profética obediente, sem questionar sobre a impossibilidade da missão.

Conclusão (37,14).
A síntese final em forma de oráculo profético (37,14).

Dentro dessa estrutura literária, analisamos, aqui, cada uma das subunidades de Ez 37,1-14.

2.1 Introdução à narrativa (Ez 37,1-2)

"A mão de YHWH veio sobre mim", "pousou sobre mim", expressão frequente para designar o êxtase[2] que é narrado a partir de uma experiência mística de contato com o mistério divino (cf. 3,22; 8,1, 33,22; 37,1; 40,1). "YHWH", tetragrama sagrado que se refere ao Deus específico da tradição religiosa de Israel, cujo nome está escrito mas não é pronunciado, em sinal de respeito obsequioso, reverência (temor) diante de seu poder grandioso.

Ezequiel é conduzido "para fora" pelo espírito de YHWH, que o coloca num vale cheio de ossos. O "vale" é, provavelmente, o mesmo mencionado em Ez 3,22-27. Simboliza o povo de Deus que está fora de sua terra, numa referência aos exilados obrigados a residir na Babilônia (entre 587 a 538 a.C.). O sentido geral expressa a "mobilidade" do espírito do Deus de Israel, que não está preso ao Templo de Jerusalém, e acompanha seu povo até mesmo no exílio.

O "vale" é, provavelmente, o mesmo mencionado em Ez 3,22-27, para onde o profeta fora levado pela mão de YHWH anteriormente, em Ez 3,22-27. Esse vale "estava cheio de ossos", sinal de desgraça, pois segundo tradição do antigo Israel, os ossos de cada pessoa deveriam ser enterrados no túmulo da família (Gn 35,29; 50,5).

A narrativa[3] é construída em primeira pessoa do singular, como se o profeta estivesse contando uma experiência mística pessoal, em que ele próprio foi o protagonista e o intérprete de algo inusitado, como num sonho acordado (experiência mística).

[2] Êxtase (do grego *ékstasis*), significa arrebatamento íntimo; enlevo, arroubo, encanto. No aspecto religioso, significa admiração diante do sobrenatural; pasmo, assombro. Do ponto de vista psicológico, trata-se de um estado de arrebatamento, observado em quadros dissociativos e nos delírios místicos, em que um indivíduo, de todo imobilizado, em transe, se encontra tomado por um sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas mesclado de angústia, parecendo mesmo haver perdido qualquer contato com o mundo exterior (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2010, p. 903).

[3] Sobre "narrativa", o professor e crítico literário Salvatore D'Onofrio explica que se trata de "todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida entrelaçam num tempo e num espaço

2.2 O desafio profético (Ez 37,3-10)

O profeta narra, num primeiro momento (Ez 37,3), que foi questionado por Deus (YHWH) sobre se aqueles ossos tornariam a viver, ao que responde humildemente: "Senhor, YHWH, tu o sabes", isto é, só tu tens o poder de realizar o impossível à limitada condição humana.

Então, conforme a narrativa de Ez 37,4-6, o profeta recebe a ordem absurda de profetizar no meio de ossos espalhados, para que esses restos mortais ouçam a palavra de YHWH, sejam penetrados pelo Espírito e voltem a viver. E explica detalhadamente como se dará, para que "sabereis que eu sou YHWH":

a) os ossos serão recobertos de tendões (rearticulados);
b) receberão carne e pele (recuperados em corpos);
c) serão revificados pelo Espírito de Deus ("meu espírito", sopro vital, hálito de vida que vivifica, conforme Gn 2,7).

O profeta obedece a YHWH, de acordo com a ordem recebida. Então a vida retorna em duas fases complementares:

a) Na primeira (Ez 37,7-8), enquanto profetizava, houve um ruído e depois um tremor. E os corpos são remodelados a partir de dentro: os ossos se aproximaram uns dos outros, surgem os tendões, a carne e o revestimento de pele (Ez 37,7-8);
b) Na segunda fase (Ez 37,9-10), o profeta recebe a ordem de chamar o Espírito dos quatro ventos para que sopre sobre os mortos para que vivam. O espírito penetrou-os e eles viveram, firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército.

2.3 O simbolismo da narrativa (Ez 37,11-12)

Na sequência, é o próprio Deus YHWH quem explicita a Ezequiel o significado de toda a cena: os ossos ressequidos representam a casa de Israel cuja esperança está morta: "Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está tudo acabado" (Ez 37,11). Nesse contexto, o Senhor YHWH conclama que o profeta proclame ao povo de Israel deportado, desanimado e sem esperança na Babilônia, que serão revificados pelo espírito divino e reconduzidos à terra de origem (Ez 37,12; conforme Is 40,1-2; 54,7; Ez 28,25)

Trata-se da narrativa de uma visão tomada como metáfora4. O vale de ossos representa a parte do povo de Israel exilada na Babilônia, esmorecida e sem esperança, que estava espiritualmente sem "vida" como ossos ressequidos num vale desolador. O

determinados. Nesse sentido amplo, o conceito de narrativa não se restringe apenas no romance, ao conto e à novela, mas abrange o poema épico, alegórico e outras formas menores de literatura" (D'Onofrio, 2002, p. 53).

[4] Metáfora é a figura de palavra em que um termo substitui outro em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. Essa semelhança é resultado da imaginação, da subjetividade de quem cria a metáfora. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo comparativo não está expresso, mas subentendido (Guimarães, 1988, p. 9).

despertar desses ossos representa metaforicamente a nova oportunidade que Deus dá aos israelitas.

Ez 37,1-14 também é uma alegoria, por se constituir em toda sua integralidade uma metáfora da situação do povo de Deus naquele contexto histórico em que o texto foi escrito: "Vale de ossos secos" (elemento A) X "Povo de Israel" (elemento B). A qualidade comum a ambos os elementos é a ausência de vida. Dessa forma, essa é a similaridade que esses elementos de universos distintos possuem. E isso os aproxima. A qualidade comum não é expressa e a semelhança entre esses dois universos passa a acontecer a nível mental pois, do ponto de vista lógico, ossos humanos não tem a princípio relação com o elemento vida, mas no âmbito da alegoria isso passa a ser totalmente plausível por meio da intervenção de um terceiro elemento: o espírito vivificante do Deus YHWH.

Voltando ao plano da enunciação, ou seja, o plano da narração e do discurso, vale lembrar que o narrador não é o autor. De acordo com o crítico literário Salvatore D'Onofrio (2002, p. 54):

> Na arte da narrativa, o narrador nunca é o autor, mas um papel por este inventado: é uma personagem de ficção em que o autor se metamorfoseia. O narrador é um ser ficcional autônomo, independente do ser real do autor que o criou. [...] Mesmo nos casos-limites do uso da própria vida para fins artísticos, num poema ou num romance escrito em primeira pessoa e com a utilização de dados biográficos da pessoa do autor, quem nos dirige a palavra só pode ser uma entidade ficcional.

Pode-se afirmar que a literariedade, elemento que confere características literárias a um texto, só existe porque o eu do narrador não é o eu do escritor. Ainda de acordo com D'Onofrio (2002, p. 55):

> Mesmo nos casos-limites do uso da própria vida para fins artísticos, num poema ou num romance escrito em primeira pessoa e com a utilização de dados biográficos da pessoa do autor, quem nos dirige a palavra só pode ser uma entidade ficcional. Quando dizemos que o narrador do romance de Proust é o próprio Marcel, afirmamos algo que, em rigor, não tem sentido.

É o caso do livro de Ezequiel, pois por mais que haja elementos biográficos que o associe à perícope transcrita, ainda assim, não se pode confundir o eu-biográfico com o narrador, pois o autor é um elemento externo à obra. E como qualquer produção artística é possível apreciá-la sem que, necessariamente, conheça o autor. Isso ocorre por causa da autonomia da obra literária.

Nesse sentido, vale a pena salientar que além do narrador há o destinatário ou o receptor da mensagem que no plano da fantasia também é outro ser ficcional:

> No mundo da existência física, o emissor é o autor que destina sua obra (mensagem) a um leitor virtual (receptor). No texto artístico, o emissor é uma personagem (o narrador) que comunica a outra personagem (receptor) fatos, ideias e sentimentos (mensagem) (D'Onofrio, 2002, p. 56).

Pelas características apresentadas na perícope, Ezequiel é um narrador-protagonista:

> O eu que narra se identifica com o eu da personagem principal que vive os fatos. Trata-se de um ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito de enunciado. Ele nos conta uma história por ele vivida, a história de uma parcela de sua existência. É através de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos da narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e do espaço (D'Onofrio, 2002, p. 62).

Por meio desse narrador-protagonista, a perícope interpela os profetas daquele contexto histórico a exercer um novo profetismo de restauração em meio à desgraça e desesperança. Põe-se o imperativo ético para que o profetismo aceite o chamado (vocação) de profetizar, em nome de Deus, e reanimar quem perdeu a esperança e se entregou à morte. Aos simples mortais esse é um trabalho difícil de ser bem-sucedido, se contar apenas com as próprias forças, mas o protagonismo estará a cargo do próprio YHWH: "Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel" (Ez 37,12).

2.4 Conclusão da narrativa (Ez 37,13-14)

A narrativa iniciada com a mão de IWHW levando o profeta para um vale cheio de ossos (Ez 37,1-2), é concluída com o oráculo em que o próprio Deus YHWH é o orador: "Porei o meu espírito dentro de vós e haveis de reviver: eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, lahweh, falei e hei de fazer, oráculo de lahweh".

Tem-se aqui a síntese final da narrativa: para que todo o povo de Israel, finalmente, saiba, quem é IWHW.

Teologicamente, tem-se aqui uma concepção ampliada sobre o Deus YHWH: o Deus libertador da escravidão do Egito (livro do Êxodo), é o mesmo Deus criador da vida (livro do Gênesis), bem como o Deus que restaura vidas, resgatando-as da morte (no exílio da Babilônia).

Trata-se de uma excelente síntese teológica que emana como essência poética da belíssima construção literária de Ez 37,1-14. Para tanto, faz-se necessário ler o texto deixando-se impressionar pela concentração nos ossos e no espírito, no movimento dramático, na pergunta radical da existência humana: "Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?" (Ez 37,3). Diante de Deus, cabe responder sinceramente se ainda cabe cultivar a esperança na vida, em meio à desesperança que emana do contexto de morte.

A resposta está dada no desenrolar da perícope. Ao ser humano parece impossível manter e cultivar essa esperança em meio às sucessivas desgraças. Mas o espírito de Deus está aí para transmitir força, energia, poder regenerador. Na visão narrada por Ezequiel aparece oito vezes a palavra ossos e oito vezes o termo *ruah*, vento, hálito, sopro vital (quando se respira em estado de animação), espírito. Assim, "ossos ressequidos" e "espírito vivificador" constituem os dois elementos do contraste: "a morte / finitude do ser humano" e o "dinamismo puro / imortal da essência divina" (Schokel; Diaz, 2002, p. 847).

Assim, por meio da divina *ruah* (energia divina) o ser mortal é revitalizado para, por si mesmo, pôr-se de pé. A partir da constatação do seu poder em contínua recriação, é possível reconhecer quem de fato é Deus: "Então sabereis que EU SOU YHWH" (conclusão da perícope: Ez 37,13-14). Teologicamente, pode-se interpretar aqui uma referência a Ex 3,14, em que o Deus de Israel se revela a Moisés como "Eu sou": "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós'".

Pelo poder do Deus libertador das origens do povo de Israel, o mesmo povo que se apresenta no momento derrotado, destruído e morto em sua dignidade, será agora redivivo: "Porei o meu espírito dentro de vós e havereis de reviver" (Gn 2,7): eu vos reporei em vossa terra: "jardim de delícias" (Gn 2,15), a mesma terra prometida "que mana leite e mel" (Ex 3,8).

Tem-se aqui, portanto, uma excelente síntese teológica: o Deus dos ancestrais, Abraão, Isaac e Jacó (Ex 3,16) é o Deus do Êxodo (Ex 3,14) e, ao mesmo tempo, o Deus do Gênesis (Gn 2,7.15). Em qualquer situação existencial, sobretudo nos momentos de

crise e de caos, é fundamental cultivar a fé (confiança) nesse Deus que interpela continuamente a agir, interferindo no curso da história.

3 A relevância sempre atual de Ezequiel

Nesta segunda parte do presente artigo sobre a relevância sempre atual da literatura de Ezequiel, discorremos sobre dois aspectos interligados: (1) a relação entre experiência mística, teologia e literatura; (2) A perene atualidade da experiência mística que interpela a ação na história.

3.1 Experiência mística, Teologia e Literatura

A partir de narrativas como essa que estudamos em Ez 37,1-12, percebe-se um tipo de literatura bíblica que não é uma mera especulação teológica sobre Deus. Sua relevância está justamente no fato de que surge da experiência mística de uma determinada pessoa que, no caso, é um profeta de Israel, com o Deus de sua cultura.

Essa experiência é narrada por pelo próprio Ezequiel. Apesar das discussões atuais sobre a formação do livro, "tudo concorre para fazer aparecer o próprio profeta como o autor da maior parte do livro, ao menos dos capítulos 1–39 em suas grandes linhas" (Dicionário Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 511).

> O que parece fora de dúvida é que Ezequiel escreveu grande parte de sua pregação: suas experiências extáticas, suas ações simbólicas, sua palavra. Por vezes, a redação viria em primeiro lugar (por exemplo, o relato da vocação); em outras ocasiões, precederia a palavra, que dava passo posteriormente ao texto escrito; por exemplo, em Ez 11,25 se declara: 'Eu contei aos exilados tudo aquilo que Javé me mostrara'; refere-se à grande visão dos caps. 8-11. O primeiro foi a transmissão oral, seguida mais tarde da execução por escrito. Através de tais passagens podemos fazer uma ideia do estilo de Ezequiel. Ele está familiarizado com a mentalidade dos sacerdotes; percebe-se isso nas suas fórmulas declaratórias, na sua temática do culto, nos seus desenvolvimentos casuísticos. Conhece igualmente a tradição profética, e frequentemente explora temas e motivos tradicionais: às vezes simples imagem transforma-se em visão completa, outras vezes, uma metáfora serve para amplo desenvolvimento imaginativo. Caso declamarmos os seus oráculos, adquirem realce os seus jogos verbais, as suas palavras dominantes repetidas, e chega a se impor o ritmo de seu verso ou prosa rítmica. O livro atual não é obra exclusivamente sua. Sua escola, seus discípulos foram retocando numerosas passagens e acrescentando novas palavras. O livro adquiriu sua forma definitiva antes do regresso do exílio (ano de 538 a.C.) ou mesmo por volta de 300 a.C. (Alonso Schokel; Sicre Díaz, 2002, p. 697-698).

Pelo exposto acima, pode-se afirmar que da experiência mística narrada e escrita pelo profeta Ezequiel surge uma reflexão teológica profunda sobre um Deus que interpela à intervenção histórica. Tudo que é narrado tem como objetivo revelar com mais clareza quem é esse Deus, IWHH:

> Não é um acaso se a fórmula 'Vós sabereis que eu sou o Senhor' retorna, de uma forma ou de outra, 86 vezes em Ezequiel: assim, a comunidade dos fiéis não reconhece Deus somente no culto, mas nos acontecimentos históricos que ela está vivendo. É absolutamente preciso que Israel interprete corretamente o que se passa: não é primeiramente uma falha de Israel ou mesmo uma fuga de Deus, mas um meio, dramático é verdade, de chegar ao conhecimento do Senhor enquanto Deus soberano. A sobrevivência de Israel tem esse preço; caso contrário este pequeno

país, como outros, teria sido varrido em sua identidade cultural e espiritual, como os amonitas e os moabitas (Dicionário Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 511).

Desse modo, a personificação da presença de Deus não está mais ligada a Jerusalém e a seu Templo. Ela pode aparecer num país impuro (Ez 1-3), pode deixar a Cidade e seu Templo feito um antro de idólatras (8-11), e até mesmo levar a um lugar que expressa a destruição total em que se encontra Israel (como um campo de ossos ressequidos).

O retorno à vida com dignidade só é possível por meio da intervenção profética, em obediência a esse Deus dos impossíveis, YHWH. A partir daí, todos reconhecerão o poder do Senhor, cuja Palavra é coerente com a sua ação na história: "Falei e hei de fazer", oráculo de YHWH.

A literatura escrita a partir de narrativas de visões do místico Ezequiel, bem como a reflexão teológica contemplada no livro têm como objetivo revelar quem de fato é YHWH, o Deus da tradição religiosa de Israel.

Não foi por acaso que os escritos de Ezequiel foram muito lidos desde quando surgiram em meio a círculos judaicos no exílio da Babilônia, apesar das polêmicas suscitadas no Judaísmo. Talvez, por isso, só tardiamente o livro foi introduzido como leitura profética do primeiro dia da festa de Pentecostes[5].

No que tange à influência sobre a produção literária pós-exílica, o livro de Ezequiel serviu de fonte inspiradora para os escritos apocalípticos. Por exemplo, a concepção do templo da apocalíptica judaica deve muito a Ez 40-48. Ecos precisos dela encontram-se no *Apocalipse siríaco de Baruc*, no *Livro das Antiguidades Bíblicas* e em algumas passagens do NT. A preocupação com a pureza e a perfeição, levada ao extremo nesses capítulos, serviu aos apocalípticos e aos homens de Qumran em sua hostilidade e até em seu ódio ao templo "corrompido" de Jerusalém, dirigido por sacerdotes cujas origens e comportamento eles contestavam. Essa luta ajudou esses grupos, que viviam à margem do judaísmo oficial, também a conceberem, numa nova escritura, de cor apocalíptica, o templo puro e perfeito (Asurmendi, 1992, p. 297-298).

Na perspectiva do Novo Testamento, o texto de Ezequiel inspirou a imagem do pastor que se tem no Quarto Evangelho (Jo 10). Foi o livro do Apocalipse que recebeu a influência preponderante de Ezequiel em seu vocabulário, em suas fórmulas e em suas imagens. O Apocalipse, em geral não cita Ezequiel de forma explícita; é conhecida a habilidade do seu autor para engastar textos muito diversos e com eles obter produto original, totalmente alheio ao plágio. Ezequiel, porém, deixou vestígio profundo em quase todas as suas páginas. Os capítulos que mais interessaram ao autor do Apocalipse foram: a visão

[5] De acordo com Asurmendi (1992, p. 296-297), antes da queda do templo em 70, os círculos rabínicos se viram diante do problema de sua ortodoxia. Algumas contradições com os livros da Torá tornavam difícil sua aceitação. Lê-se no Talmud de Babilônia que "Rabi Jehudá diz: Lembremo-nos seriamente do homem cujo nome é Hanina ben Ezequias, porque, graças a ele, o livro de Ezequiel não foi suprimido; com efeito, as suas palavras contradiziam as palavras da Torá. Que fez ele? Foi para o sótão e lá permaneceu até explicar tudo". Esse trabalho de explicação permitiu que o livro entrasse para o cânon das Sagradas Escrituras judaicas. Mas as suspeitas continuaram. Alguns círculos judaicos de tendência mística e esotérica usavam alegremente alguns textos de Ezequiel, especialmente Ez 1 e 8–11. O rabinismo farisaico, tornado majoritário no judaísmo, não via com bons olhos essas tendências marginais. Além disso, alguns textos do profeta podiam facilmente ser usados pelos cristãos na polêmica antijudaica. A dureza das acusações do profeta contra Jerusalém e Israel ajudava os cristãos a se apresentarem perante o judaísmo como o novo Israel.

da Glória (Ez 1 e 10), dos quais tomou material para a apresentação de Jesus e a descrição do trono; os dois oráculos contra Tiro (Ez 27-28), nos quais se inspira amplamente Ap 18 para descrever a riqueza e a ruína da nova Babilônia (Roma); o combate contra Gog (Ez 38-39), a que se alude em diversas passagens, mas principalmente em Ap 19-20; por último, a descrição da nova Jerusalém e do mundo novo (Ap 21-22) é inspirada, como era de esperar, em Ez 40-48 (Alonso Schokel; Sicre Díaz, 2002, p. 700).

O uso do livro de Ezequiel na história explica o mau estado em que se acha o texto. Acrescentemos as dificuldades da língua e do vocabulário, a estranheza de certas imagens e a complexidade resultante de sucessivas releituras. Existem diferenças importantes entre o texto hebraico e a tradução grega dos Setenta. De maneira geral o texto grego está mais bem conservado. Mas encontram-se exceções importantes com grandes desvios. Alguns participantes do Concílio de Trento tiraram argumento dessa longa lista de dificuldades para proporem a interdição de sua leitura e de sua tradução em língua "vulgar", o que traria muitos perigos para "a plebe, os rústicos e as mulheres" (Asurmendi, 1992, p. 298).

3.2 A perene atualidade da experiência mística não alienada

A narrativa literária da experiência mística do profeta Ezequiel (37,1-14) tem sua relevância por ser um texto sempre atual: "toca" de cheio numa dimensão essencialmente humana, que é sua relação com o divino, o "numinoso", termo utilizado por Rudolf Otto, 1869-1937, no livro Das Heilige, 1917, para designar a consciência do *mysterium tremendum*, algo misterioso e terrível que inspira temor e veneração; essa consciência seria a base da experiência religiosa da humanidade (Abbagnano, 2003, p. 720).

A perícope trata exatamente de uma experiência mística de um profeta de Israel com o seu Deus (YHWH). Ao longo de todo o livro bíblico, Ezequiel é apresentado como um místico. Ao discorrer sobre o conceito "mística" no livro "A mística e os místicos, a teóloga Maria Clara Bingemer (2022, p. 26) afirmou:

> Sem dúvida, quem com mais originalidade refletiu sobre a mística dentro do mundo francófono (cuja língua oficial ou dominante é o francês) foi Michel de Certeau (1925-1986). O brilhante jesuíta francês enfatizou a maneira pela qual a experiência mística, embora sendo algo de significado profundo em termos individuais na vida do místico, era necessariamente um fenômeno social. Ao historiador e psicólogo que é de Certeau certamente não escapa o fato de que a mística sempre reflete um mundo sociorreligioso que lhe serve de pano de fundo. Por outro lado, observa também o pensador que a mística também afeta ou mesmo transforma o mundo através da criação de novos tipos de discurso e da formação de novos grupos religiosos.

Nessa linha conceitual, Ezequiel é um místico sintonizado com o mundo sociorreligioso do seu contexto histórico. Sua experiência mística não é alienada dos reais problemas do seu tempo. Essa é uma das características originais da mística dos personagens bíblicos em sua relação com o divino YHWH.

Na conclusão da narrativa, a promessa é reafirmada. Por meio do espírito (sopro vital) que vem de Deus, o povo de Israel haverá de reviver e retornar à terra que recebeu como dádiva divina. Como afirmam Alonso Schokel e Sicre Díaz (2002, p. 848):

> Aqui não se fala a respeito de ressurreição, mas sim de libertação e de retorno à pátria. Há algo, porém, não menos evidente: Ezequiel criou um símbolo que se impõe e ultrapassa o propósito imediato do seu autor. Descendo a uma visão biológica da morte, remontando a motivos da

criação, operando com o elemento dinâmico do vento (= espírito), o profeta conferiu expressão aos anseios mais radicais do homem, à mensagem mais prazerosa da revelação.

Desse modo, em Ez 37,14, insiste-se no tema da vida, que é o que Deus deseja para o seu povo: uma vida na terra, reconhecendo YHWH como o autor soberano da história que ele anuncia com a sua palavra. Não se trata de outra vida para além da morte, mas de uma vida no aqui e agora da realidade existencial.

4 Conclusão

Para encerrar essa breve degustação de Ez 37,1-14 a partir da singela análise literária e teológica que fizemos, ressaltamos aqui três aspectos relevantes que surgem das interpelações que o texto de Ezequiel suscita para nós hoje, em meio ao contexto em que somos desafiados a viver nesta segunda década do século XXI: a urgência da "ecologia integral"; a redescoberta do mistério do Deus da Vida; a necessidade de cultivar a mística não alienada.

Primeiro aspecto relevante: a urgência de uma "ecologia integral".

Nas últimas décadas têm-se falado muito em "meio ambiente", termo que evoluiu para "ecologia", num sentido mais amplo para englobar a mãe terra, e agora surge uma nova compreensão holística: a "ecologia integral". Por meio desse conceito, assume-se que a dignidade de cada pessoa se expressa numa lógica de relação com os outros seres humanos na face da terra, com todos seres vivos e com todo o planeta, lar de tudo que a habita. Relação essa que não é de domínio, imposição ou competição, mas interação em prol da vida comum, que se fundamenta na ética do cuidado e na cooperação recíproca. O conceito foi assumido como ponto central da "Carta Encíclica Laudato Si' sobre o Cuidado da Casa Comum", do Papa Francisco, publicada em 2015. Para compreendê-la tem-se de romper com a lógica do discurso antropocêntrico de ambientalismo, dominante nos meios de comunicação social e nos discursos oficiais dos governos e instituições internacionais. Como novo paradigma, parte-se do princípio de que que todos formamos um grande e complexo todo, numa rede de relações que perpassam todos os seres em nossa casa comum.

A visão de Ezequiel 37,1-14 sobre a devastadora cena de ossos humanos ressequidos ao relento, espalhados por um vale, lembra, sem dúvida, a devastação causada pela disputa entre adversários que, na essência, são semelhantes. Seres humanos que se matam em sucessivas guerras localizadas, regionais e globais, transformando o entorno num cemitério a céu aberto.

Contudo, na narrativa, os ossos ressequidos ainda não se tornaram pó. Isso denota que ainda resta esperança antes do fim. É urgente, portanto, escutar o apelo que vem de Deus: "Profetiza a respeito desses ossos..." (Ez 37,4). Nessa perspectiva, diríamos hoje que somos instigados, pela reserva de energia vital que ainda resta em nós mesmo, a ações urgentes que restaurem e promovam vidas, em múltiplas direções que englobem a totalidade (dimensão holística). Ainda há tempo!

Segundo aspecto relevante de Ez 37,1-14: a revelação do Deus YHWH.

O Deus da experiência mística de Ezequiel é o Deus da Vida. Essa concepção teológica surgiu ao longo de séculos no mundo antigo, por meio do diálogo cultural religioso entre os povos do chamado Crescente Fértil, região que se estende, como numa lua crescente, do Egito aos territórios do Iraque, Irã e Jordânia, passando pelos povos da Palestina.

A cultura religiosa de Israel o tinha como YHWH (palavra que talvez tenha sua origem no verbo "ser", em hebraico, dando a conotação de que esse Deus "é", e permanece sendo permeando tudo e perscrutando todos: "Senhor (YHWH), tu me sondas e me conheces" (Bíblia de Jerusalém, Sl 139). Essa compreensão sobre Deus passou a ser aprofundada como uma essência inefável e sem forma que, pelo seu sopro vital (Ruah), gera e regenera a vida, continuamente.

Esse Deus conta com a parceria de homens e mulheres de boa-vontade, que são chamados a profetizar (não só falar, mas agir) no contexto histórico em que se encontram, por mais desesperador e sem esperança que pareça. Alarga-se, desse modo, a compreensão sobre a missão profética, que consiste não apenas em falar em nome de YHWH, mas, sobretudo, em agir na busca de fidelidade às interpelações desse Deus.

Assim, a narrativa da experiência de Ezequiel, em meio ao vale de ossos ressequidos, dá a conhecer três aspectos de YHWH: (1) como Deus Libertador, em diálogo como a própria tradição do Êxodo; (2) como Deus Criador (e Recriador) a partir da dura situação experimentada durante o domínio da Babilônia; (3) como Deus que interpela o ser humano a agir, pela força do seu espírito, a divina *Ruah* (Ezequiel 37,1-14).

Terceiro aspecto relevante de Ez 37,1-14: a interpelação para viver a mística não alienada.

Ezequiel é um místico, capaz de ter visões extraordinárias. Mas, ao interpretar tais visões em sua relação de intimidade com o Deus YHWH, sente-se interpelado (como algo imperativo) a agir na história, mesmo que essa atuação pareça, aos olhos humanos, como impossível de ser concretizada.

Não se trata, portanto, de uma mística que mantém a pessoa em sua zona de conforto, protegida pelo poder divino como numa redoma, protegida das ameaças das guerras, dos cataclismos e da morte. Mas, é uma experiência do Deus YHWH que conclama a agir restaurando a vida em sua dimensão holística.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASURMENDI, Jesús Maria. Os profetas do Exílio. Ezequiel. *In*: AMSLER, Samuel; ASURMENDI, Jesús Maria; AUNEAU, Joseph; MARTIN-ACHARD, Robert. *Os Profetas e os livros proféticos.* São Paulo: Paulinas, 1992.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara. O Conceito. *In:* LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.) *A mística e os místicos.* Petrópolis: Vozes, 2022. p. 23-36.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto:* prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 2002. v. 1.

DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Figuras de linguagem:* teoria e prática. 8 ed. São Paulo: Atual, 1988.

MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita:* a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

ALONSO SCHOKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2002.